

HIPOCORÍSTICOS, APELIDOS E CRÍTICA SOCIAL: LINGUAGEM E ESTILO EM MACHADO DE ASSIS

Tania Maria Nunes de Lima Camara
(Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

RESUMO

O antropônimo é o traço de individuação de todo grupo social. Por sua vez, quando existe maior intimidade entre os membros desse grupo, é comum a interação ocorrer pelo uso de hipocorísticos e de apelidos. Cabe destacar não serem tais termos sinônimos: o primeiro apresenta base linguística de formação, enquanto o segundo se apoia em motivação extralinguística. O universo literário constitui espaço privilegiado para o estudo das relações que se estabelecem, na estruturação da narrativa, entre nomeados e nomeador, tanto em relação à escolha de antropônimos quanto à de hipocorísticos e apelidos. O objetivo do presente artigo é, pois, apresentar as duas últimas maneiras de nomear personagens como marca do estilo crítico-social de Machado de Assis. O *corpus* é constituído por três de seus romances: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* e *Dom Casmurro*. A escolha dos recursos morfológicos, bem como a construção de sintagmas nominais resultantes de combinações específicas se mostram relevantes na produção de sentido do texto. Além de um caminho de leitura, expõe-se mais um traço caracterizador do espírito ora afetuoso ora galhofeiro da pena machadiana.

PALAVRAS -CHAVE: Machado de Assis; estilo; hipocorístico; apelido

Introdução

Desde os tempos mais remotos, a posse de um nome é privilégio de todo ser humano. Cada criança, no momento em que nasce, recebe-o de seus pais. Conceituado como elemento de individuação,

o nome próprio designa um único objeto identificado num ato de fala, em que o locutor pressupõe identificável pelo interlocutor. Marca linguística pela qual o grupo social toma conhecimento do indivíduo, esse procedimento é geralmente assinalado por cerimônias de aquisição ou de mudança de nome, como batismo, casamento e outros ritos de iniciação.

As relações que se estabelecem socialmente entre pessoas próximas, que pertencem a um mesmo grupo social, possibilitam a substituição do nome de determinado membro do grupo por um hipocorístico ou um apelido, formas portadoras de carga semântica, às vezes positiva, às vezes negativas, dependendo do propósito daquele que nomeia em relação ao nomeado.

O campo da literatura constitui um terreno fértil para esse tipo de estudo. O autor escolhe a maneira de apresentar as personagens levado por diferentes propósitos. Assim, também no texto literário, o nome próprio é o primeiro estágio de individualização, uma forma de fazê-las adquirir vida própria, de destacar-se e de diferenciar-se das demais. Não é raro, porém, que, no lugar do antropônimo, o autor faça uso de hipocorísticos e de apelidos para nomear uma ou mais personagens, e tal procedimento não deve ser desconsiderado por parte do leitor. Uma vez que as escolhas linguísticas realizadas pelos produtores de textos não são gratuitas, qualquer que seja o domínio discursivo em que esses textos se inserem, no texto literário, pelas características que encerra, não poderia ser diferente. Todos os elementos presentes são relevantes e como tal devem ser percebidos pelo leitor.

Assim, o objetivo do presente artigo é abordar a linguagem e o estilo de Machado de Assis, a partir da utilização de hipocorísticos e apelidos em personagens presentes nos romances *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* e *Dom Casmurro*, buscando relacionar tais empregos à visão crítico-social que bem caracteriza a obra do autor. Um novo caminho que revela mais uma faceta da arquitetura linguístico-literária do nosso surpreendente autor bruxo ou bruxo autor, de acordo com a perspectiva pela qual o leitor o observa.

Morfologia do prenome, do hipocorístico e do apelido

Na sociedade humana, três são as formas possíveis de o indivíduo fazer-se conhecer e distinguir-se dos demais membros do grupo: pelo nome “oficial”, pelo hipocorístico e pelo apelido.

O nome oficial é aquele presente na certidão de nascimento, registrada em cartório. Por isso mesmo, é também chamado de nome de registro. Dentro da cultura brasileira, o nome oficial é formado de prenome seguido de sobrenomes, respectivamente, materno e paterno. Entende-se por prenome o nome evocatório, ou seja, aquele pelo qual o indivíduo é chamado comumente, bem como ganha lugar dentro do grupo familiar, distinguindo-se dos demais parentes e, ao mesmo tempo, incluindo-se em uma genealogia. Em nossa sociedade, a escolha do prenome constitui um momento em que os pais podem manifestar os mais diferentes desejos em relação ao recém-nascido. Homenagens a parentes, a santos de devoção, busca de uma sonoridade especial, entre outros, são alguns deles, manifestando, muitas vezes, voluntária ou involuntariamente, as fantasias dos pais.

Seguindo-se ao prenome, encontra-se o sobrenome, que apresenta a característica de inscrever o indivíduo em uma família. Quando o sobrenome é um derivado do nome do pai, constitui um patronímico. Na antiga tradição ibérica, por exemplo, é comum encontrar Henriques – filho de Henrique; Álvares – filho de Álvaro; Rodrigues – filho de Rodrigo.

Do ponto de vista morfológico, prenomes e sobrenomes advêm dos mesmos processos de formação dos substantivos da língua portuguesa. No processo de derivação, dois procedimentos ocorrem com maior frequência: derivação imprópria ou conversão, e sufixação; nos casos de composição, justaposição e aglutinação. Acrossemia, anagrama e estrangeirismo são outros processos pelos quais se podem formar prenomes.

A acrossemia consiste na combinação de sílabas quase sempre extraídas dos prenomes dos pais. Assim, Jomar (José e Maria), Claudionor (Cláudio e Leonor), Erlice (Ernesto e Alice) são alguns exemplos. Por anagrama entende-se o nome que resulta da reorganização das letras do nome de origem. Desse modo, Ronoel, Belisa, Elmano são, respectivamente, anagramas de Leonor, Isabel e Manoel. Na literatura brasileira, anagrama célebre é Iracema, constituído a

partir de América. O estrangeirismo, por sua vez, é uma importação antroponímica que ocorre sempre que uma pessoa de outra nacionalidade torna-se conhecida na sociedade brasileira. Desse ponto de vista, justifica-se a existência de um número considerável de pessoas registradas como Yuri, Brigitte, Jaqueline, Ronald, entre outros.

A maior aproximação entre os membros de um grupo social reflete-se na maneira como uns nomeiam outros. Daí, o surgimento de hipocorísticos. Segundo RIBEIRO (1902, p. 4), "... O uso assíduo traz familiaridade e é por um sentimento de afeição familiar ou de desprezo que operamos a redução dos vocábulos ...".

O hipocorístico é formado pela supressão de elementos do nome de origem, processo este conhecido com braquissemia. Assim, Bel, Fani são hipocorísticos de Isabel e Estefânia, respectivamente.

A multiplicação *morphica* por contracção é um facto geral de todas as línguas; foi obedecendo a essa lei que os francezes fizeram *mie* de *amie*, e que nós extraímos *mano* de *ermano* (irmão); dessas deformações, como *Xico*, *Zé*, temos inffinitas variantes locais.... (RIBEIRO, 1902, p.167)

O tom caracteristicamente familiar do hipocorístico torna incompatível a anteposição de uma forma respeitosa ou cerimoniosa de tratamento, a menos que a intenção seja produzir efeito humorístico ou pejorativo.

Relativamente aos hypocorísticos, antigos ou modernos, em boa norma são elles incompatíveis com todas a adjectivação solenne. Se, hoje, não podemos em *estyllo serio* dizer – o conde *Zé* –, jamais os antigos diriam – o Conde Fernan ou Don Mem. O título attrahia o uso da forma integra e dizia-se – O Conde Fernando, Dom Mendo... (RIBEIRO, 1902, p.3)

Hipocorístico e apelido não são termos sinônimos. A base de formação do hipocorístico é linguística, ainda que a diminuição do nome esteja também ligada a fatores psicológicos, enquanto no apelido prevalecem a arbitrariedade e a aleatoriedade como princípios de estabelecimento; nesse caso, a motivação é extralinguística: "...Todos eles estão associados a alguma característica do nomeado, tanto psicológica ("Peixe Elétrico") quanto física ("Cabeça")..." (COUTO, 1986, p. 66).

Contrariamente aos apelidos, os hipocorísticos tendem a uma sistematização. Em geral existem num contexto mais restrito, como a família e suas relações, embora possam extrapolá-la em alguns casos. O essencial é que eles existem seio da família...Por isto,

frequentemente estão associados com a linguagem infantil, sobretudo nos processos de simplificação silábica, de reduplicação, etc. ... (COUTO, 1983, p.128)

A sistematização acima referida em relação à formação de hipocorísticos aponta tanto para a simplificação silábica quanto para a reduplicação. No tocante à diminuição do vocábulo, a eliminação pode envolver elementos silábicos anteriores à sílaba tônica, elementos silábicos finais ou sílabas mediais. Como exemplos, apresentam-se, respectivamente, Tina (Cristina), Edu (Eduardo), Poli (Apolinário) e Malena (Marilena). Tal diminuição pode, inclusive, formar homônimos de outros nomes já existentes na língua, como, por exemplo, Délio (Cordélio) e Nilo (Danilo).

Quando se trata de nomes compostos, duas situações normalmente ocorrem. Se ligados graficamente, o hipocorístico braquissêmico poderá surgir de qualquer dos elementos formadores. Assim, alguém com prenome Rosineide, por exemplo, poderá ser chamada de Rose ou de Neide. Já no caso de compostos não unidos graficamente, o mais frequente é ocorrer a acrossemia. Assim, de Maria Isabel formase Mabel; de Carlos Eduardo, Cadu. Em termos reduplicativos, a repetição da sílaba tônica é possível em qualquer prenome, tais como Lili (de Marli), Zezé (de José). Ao lado desse procedimento, outras formas normalmente ocorrem, obedecendo também a uma sistematização, das quais destacamos os seguintes processos: a repetição da sílaba tônica, acompanhada da postônica, como em Popoldo (de Leopoldo), Lelena (de Helena), bem como a assimilação, Lalá (de Amália).

Cabe lembrar, ainda, o papel da sufixação na formação dos hipocorísticos. No caso daqueles formados com o sufixo -ino, transformam-se em novos prenomes, o que acaba por atenuar o valor expressivo do sufixo. Como exemplo, Bernardino, forma diminutiva de Bernardo, passou a constituir, por si só, um prenome. O mesmo ocorre com Marcelina, Firmino, entre outros.

Nos prenomes terminados em /s/, tal fonema desloca-se para depois do sufixo; assim, Dominginhos (de Domingos). É importante destacar, porém, que, algumas vezes, a existência do /s/ final só pode ser explicada como efeito analógico ou expressivo; por exemplo, Marocas (de Maria).

Todos os elementos formais aqui levantados, bem como alterações de som que constituem as leis fonéticas da língua portuguesa

serviram de base para a análise do foco do estudo, considerando o contexto em que cada um dos hipocorísticos e apelidos aparece empregado nas obras selecionadas.

Hipocorísticos e apelidos: decifra-os ou devorote

O caráter instigante da obra de Machado de Assis faz do autor efetivamente um bruxo que se transforma na esfinge que propõe ao leitor um enigma a ser decifrado: a percepção plena do texto. Na construção do enigma, assim como os antropônimos, os hipocorísticos e os apelidos constituem peças do desafio. O trabalho de linguagem, forjada na qualidade de matéria-prima para a construção do texto, envolve, entre outros cuidados estéticos e estilísticos, a maneira como as personagens são nomeadas. Desse modo, assim como os antropônimos, hipocorísticos e apelidos mostram-se apropriados às personagens, escolhidos cuidadosamente a fim de que estas sejam percebidas pelo leitor pelo direito ou pelo avesso, tornando explícita a intenção daquele que efetuou as escolhas.

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, por vontade da irmã, Sabina, Brás Cubas deveria casar-se com Dona Eulália, mais conhecida como Nhã-loló. O uso do tratamento cerimonioso Dona deu-se apenas no momento da apresentação da personagem ao leitor. A partir desse momento, Brás Cubas, mostrando-se mais íntimo, passa a referir-se a ela pelo hipocorístico: Nhã-loló.

O hipocorístico em questão é constituído pela forma aferética de Sinhá, nasalizada – Nhã –, e Loló, que resulta de alterações fônicas ocorridas em Eulália, a saber: monotongação do ditongo “eu” em “o”; metátese do “l” e duplicação da sílaba resultante das transformações anteriores. O uso do hipocorístico demonstra aproximação, intimidade, o que se observa no romance, no que diz respeito aos cuidados dispensados pelo narrador à personagem, sem deixar de ser considerado o traço de ironia presente.

No romance *Quincas Borba*, a presença do hipocorístico surge de imediato, já no próprio título. Joaquim Borba dos Santos, personagem central, é conhecido por todos aqueles que compartilham de sua intimidade como Quincas, hipocorístico de Joaquim. Em termos morfológicos, a produção de Quincas deve-se ao mecanismo da reduplicação, processo de formação de palavras muito comum em

português, expressando, com frequência, valor semântico de afetividade. Cabe ressaltar também a existência do / s / final como efeito analógico ou expressivo, uma vez que o nome Joaquim não apresenta tal fonema. A existência dessa aproximação envolvendo afeto é a base na qual repousa a formação dos hipocorísticos em geral, conforme foi anteriormente apresentado.

Como Quincas, fora a referida personagem anteriormente apresentada ao leitor pelo amigo Brás Cubas, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, quando este relembra o mestre Ludgero Barata, no tempo da escola, “da enfadonha escola”: “... Um de nós, o Quincas Borba, esse então era cruel com o pobre homem (...) Uns tremiam, outros rosnavam, o Quincas Borba, porém, deixava-se estar quieto, com os olhos espetados no ar...” (ASSIS, 1992, p.553).

Ocupando o centro da narrativa do romance em questão, está o casal Sofia e Palha, de cujo círculo de amizades faziam parte o major Siqueira, assíduo das festas por eles promovidas, e Dona Tonica, filha do major. O tom respeitoso em relação ao Major Siqueira tem como contraponto o tratamento irônico dado pelo narrador à Dona Tonica.

O hipocorístico Tonica provém de Antônia, a partir de um processo braquissêmico de eliminação dos elementos silábicos anteriores à sílaba tônica, acrescido do sufixo -ica ao restante do radical. Ocorre que o referido sufixo empresta um valor pejorativo ao nome ao qual se liga. Daí o tom jocoso que se observa no batismo da personagem pelo autor: o apelativo respeitoso Dona acompanhado de um hipocorístico que traduz depreciação. É importante destacar que a jocosidade do nome não resulta unicamente da combinação do apelativo com o hipocorístico, já que, no Brasil, tal combinação é fácil de ocorrer. Tomem-se como exemplos Dona Iaiá, Dona Mariquinha. O emprego do sufixo em si é que se torna responsável pelo tom de ironia.

O fato de Machado de Assis haver escolhido o hipocorístico em vez do nome de origem para batizar a personagem revela o humor cáustico com que o autor a constrói e a desenvolve. Várias são as passagens em que predomina o tom pejorativo na alusão a ela, fazendo-a chegar, algumas vezes, ao ridículo: “Todas as suas graças foram chamadas a postos, e obedeceram, ainda que murchas”.(ASSIS, 1992, p.670).

Cabe ainda considerar que a maneira como Machado de Assis constrói o destino da personagem reafirma a brincadeira já exposta em função de seu nome. O autor não apresenta os caminhos de Dona

Tonica como definitivamente fechados. Ao contrário, põe-na como uma espécie de brinquedo do destino, na medida em que alterna, em sua vida, momentos prazerosos e momentos obscuros. Assim, Dona Tonica tanto é brinquedo do autor quanto o é em relação à própria vida.

– É verdade, vai casar. Custou, mas acertou. Achou por aí um noivo... Vai casar. Arranjou um noivo... Pessoa séria, meia-idade, vem aqui passar as noites (...) Dona Tonica foi à janela, voltou, cabeça alta, andar à toa, reconciliada com a vida... todas as noites, ao recolher-se, Dona Tonica ajoelhava-se ante a imagem de Nossa Senhora, sua madrinha, agradecia-lhe o favor e pedia-lhe que a fizesse feliz... (ASSIS, 1992, p. 795)

Vivia, pois, Dona Tonica um jogo permanente de ganhos e perdas: se, por um lado, ganhava um noivo e se sentia feliz por isso, por outro, uma sombra escura, nebulosa, semelhante às asas do corvo negro, apontava no horizonte como um presságio. Havia a presença eterna da ameaça. Quando tudo parecia caminhar para um feliz desfecho, a pena do autor não permite que a ironia ceda lugar à alegria. Mais uma vez, Dona Tonica é trazida à sua realidade, de modo a continuar cumprindo a triste sina que o destino seco reservou para ela: a morte do noivo, três dias antes do casamento. O humor cáustico do autor instaura o tragicômico como marca de mais uma esperança que se esvai: “Dona Tonica espremeu as últimas lágrimas, uma de amizade, outras de desesperança, e ficou com os olhos tão vermelhos, que pareciam doentes.” (ASSIS, 1992, p.803).

Com relação à obra *Dom Casmurro*, a personagem narrador, Bentinho, apresenta-se ao leitor através do apelido que recebera de um rapaz conhecido “de vista e de chapéu”: Dom Casmurro.

É importante observar os elementos formadores da referida denominação. “Dom” é uma forma respeitosa de tratamento dada a reis, príncipes, nobre, monges beneditinos e dignatários da Igreja, a partir de bispos. Essa forma é, normalmente, anteposta a prenomes ou patronímicos: D. Pedro, D. Hélder, D. Duarte. No caso da personagem em questão, o título acompanha o adjetivo “casmurro”, que denota atributos negativos relacionados à misantropia. Desse modo, o apelido produz um efeito irônico, uma vez que o tom de distinção presente no tratamento Dom acaba por enfatizar uma característica que nada tem de enobrecedora, na medida em que se aplica àquele que é teimoso, implicante, ensimesmado, sorumbático.

No dia seguinte, entrou a dizer de mim nomes feios e acabou alcunhando-me *Dom Casmurro*. Os vizinhos, que não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha, que afinal pegou (...) Não consulte dicionários. *Casmurro* não está aqui no sentido que lhes dão, mas no que pôs o vulgo do homem calado e metido consigo. Dom veio por ironia, para atribuir-me fumos de fidalgo. Tudo por estar cochilando! (ASSIS, 1992, p. 809)

Não se deve, porém, limitar à desatenção involuntária do referido personagem em relação aos versos do rapaz do Engenho Novo a razão do apelido. A postura sombria que marca sua trajetória na narrativa confirma-lhe o apelido. Como exemplo desse perfil psicológico, encontra-se o fato de Dom Casmurro desejar “atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência” (ASSIS, 1992, p. 810), construindo no Engenho Novo uma réplica da casa da antiga Rua de Mata-cavalos.

Vivo só, com um criado. A casa em que moro é própria, fi-la construir de propósito, levado de um desejo tão particular (...) Um dia (...) lembrou-me reproduzir no Engenho Novo a casa em que me criei na antiga Rua Mata-cavalos, dando-lhe o mesmo aspecto e economia daquela outra, que desapareceu. (ASSIS, 1992, p.809).

Dom Casmurro recebeu de batismo o nome Bento, sendo por todos conhecido como Bentinho. O acréscimo do sufixo -inho ao radical Bent- produz efeito positivo, revelando o carinho de todos em relação a ele.

No terreno amoroso, o coração de Bentinho está nas mãos de Capitolina. A personagem, no entanto, é sempre referida como Capitu, hipocorístico do antropônimo, formado pelo processo braquissêmico de supressão de elementos silábicos finais. Como se trata de um polissílabo, a eliminação ocorreu nas duas últimas sílabas. O tratamento pelo hipocorístico aproxima as personagens do romance em questão, uma vez que revela carinho e intimidade entre elas.

As recordações da infância trazem a Bentinho a personagem Manduca, filho de família pobre que possuía uma modesta loja de louça. Hipocorístico de Manuel, Manduca conota, morfológicamente, pela presença do sufixo -uca, um tom ao mesmo tempo jocoso e popularesco. Não privava a personagem da intimidade de Bentinho, como o demonstra a seguinte passagem: “...Não éramos amigos, nem nos conhecíamos de muito. Intimidade, que intimidade podia haver

entre a doença dele e a minha saúde? Tivemos relações breves e distantes...” (ASSIS, 1992, p.896), bem como esta que segue: “... Manduca padecia de uma cruel enfermidade, nada menos que a lepra. Vivo era feio; morto pareceu-me horrível. Quando eu vi, estendido na cama..., fiquei apavorado e desviei os olhos...” (ASSIS, 1992, p.894). Tanto a pobreza de Manduca quanto, decorrente desta, a ausência de intimidade entre Bentinho e ele constituem razões suficientes para a escolha do tom pejorativo presente no hipocorístico em questão.

Considerações finais

A obra de Machado de Assis constitui, sem dúvida, um convite à reflexão. Os mais diferentes estudos publicados confirmam o traço instigante que seus textos contêm, fazendo com que o leitor enverede pelos mais diversos caminhos, no intuito de buscar a luz necessária ao esclarecimento de questões, colocadas de forma aparentemente tão simples e natural.

Tanto no terreno da literatura quanto no campo linguístico, muitos estudiosos justificam, por meio de suas produções, o lugar de destaque ocupado pelo escritor brasileiro no cenário mundial. Assim, língua e literatura não devem constituir, sem dúvida, áreas estanques na leitura de textos; ao contrário, o fato de ser a língua elemento essencial na interação de indivíduos de uma mesma comunidade linguística ressalta a sua importância, incluindo-se, nesse aspecto, os textos literários como produções estéticas que têm como matéria-prima a língua materna.

A análise dos hipocorísticos e apelidos nos três romances estudados revela sistematização no procedimento adotado, à semelhança de matrizes que se superpõem. No caso, o fator determinante é, basicamente, a condição social das personagens apresentadas na estrutura narrativa: quando elevada, merece a simpatia do autor e, conseqüentemente assume um tom afetivo; quando não, o tom pejorativo, chegando ao sarcástico, caracteriza o emprego.

O tratamento Nhã-Loló traz, na origem, a forma como as mucamas tratavam a personagem Dona Eulália, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. O narrador assume tal tratamento como que prevenido a perda gradativa de posição social que a personagem viveria ao longo do tempo, como demonstra o romance.

Em *Quincas Borba*, a afetividade existente no tratamento Quincas contrapõe-se ao pejorativo Dona Tonica, no qual o tom respeitoso

trazido pela forma de tratamento “Dona” contrasta com o sarcástico Tonica, como revelaram as passagens extraídas da obra em questão. A perda de posição social também é traço presente, segundo a narrativa em questão, na vida da personagem.

Quanto a *Dom Casmurro*, o apelido atribuído ao personagem narrador origina-se de um traço que passou a fazer parte de sua personalidade, em função de amarguras, de causas vividas ou imaginadas, que passaram a fazer-lhe companhia. Assim, o apelido estabelece com o apelidado uma relação metonímica, já que uma característica passa à expressão de todo o ser: Dom Casmurro. A forma respeitosa de tratamento, anteposta ao referido apelido, ratifica a posição social elevada que sempre desfrutara, ainda que, no fundo, traga uma conotação irônica. Esse ponto é marcado, no texto, pela apresentação dos membros que constituem o núcleo familiar por intermédio de seus nomes completos: Pedro de Albuquerque Santiago, Maria da Glória Fernandes Santiago e Bento Fernandes Santiago. O mesmo se dá em relação ao melhor amigo do personagem narrador: Ezequiel de Sousa Escobar.

Na forma Bentinho, porém, evidencia-se o tom afetuosos do tratamento, especialmente na esfera familiar, que se estende à Capitu, contrastando com Manduca, que ocupa posição social pouco prestigiada.

Em suma, foi nossa intenção, no desenrolar deste artigo, destacar a importância que o material linguístico assume na produção literária; a palavra como instrumento básico da expressão. A escolha linguístico-morfológica, no tema em questão, certamente desempenha papel primordial na produção de sentido, trabalhada como peça fundamental da tessitura narrativa. Se, na leitura de qualquer texto, especificamente no literário, nada pode ser desperdiçado nem considerado gratuito, acreditamos que tanto os hipocorísticos quanto os apelidos presentes em Machado de Assis pertençam a essa gama de instrumentos imprescindíveis e constituam caminhos de leitura possíveis. Na qualidade de signos linguísticos, mostram-se capazes de ratificar o rigor e a precisão vocabular, frequentemente apontados como próprios da arquitetura estilística da linguagem machadiana.

ABSTRACT

The anthroponym is the trace of individuation in a particular social group. In turn, when there is greater intimacy between members of this group, it is common for interaction to occur through the use of hypocoristics and nicknames. It is worth mentioning such terms are not synonymous: the first provides basic language training, while the second relies on psychological motivation. The literary domain is a privileged field of study of the relationships established in structuring the narrative, between nominated and the nominator, both in relation to the choice of anthroponyms or that of hypocoristics and nicknames. The purpose of this article is therefore to present the last two ways of naming characters as a feature of the social-critical style of Machado de Assis. The corpus consists of three of his novels: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* e *Dom Casmurro*. The choice of morphological features, as well as the construction of noun phrases resulting from specific combinations, prove to be relevant in meaning production in the text. In addition to a way of reading, this is another feature that characterizes the at times mocking or affectionate spirit of Machado's pen.

KEYWORDS: Machado de Assis; style; hypocoristic; nickname.

REFERÊNCIAS

- AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 2.ed. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37.ed.rev.ampl.atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BOSI, Alfredo et alii. *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982.
- CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Contribuição à estilística portuguesa*. 3.ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977.
- COUTINHO, Afrânio. *Machado de Assis: obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.3v.

COUTO, Hildo Honório do. Os apelidos do Cláudio. *Humanidades*, Brasília, vol.II, p. 65-70, novembro - janeiro, 1986 -1987.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

GUIRAUD, Pierre. *A semântica*. 2.ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 1975

LAPA, M. Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 31.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

MARTINS, Francisco. *O nome próprio: da gênese do eu ao reconhecimento do outro*. Brasília: Universidade de Brasília, 1991.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa*. 4.ed. rev. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

MATHEUS, Maria Helena Mira et alii. *Gramática da língua portuguesa: elementos para a descrição da estrutura, funcionamento e uso do português actual*. Coimbra: Almedina, 1983.

MONTEIRO, José Lemos. *A estilística*. São Paulo: Ática, 1991.

_____. *Morfologia portuguesa*. 2.ed. Fortaleza: EDUFC, 1987.

RIBEIRO, João. *Estudos philosophicos*. 9. ed. Rio de Janeiro: Jacinto Ribeiro dos Santos, 1902.

SENNA, Marta de. *O olhar oblíquo do bruxo: ensaios em torno de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

SOARES, Maria Nazaré Lins. *Machado de Assis e a análise da expressão*. Rio de Janeiro: INL, 1968.

ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. 5.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

Recebido em: 30/05/2013

Aprovado em 15/06/2013